

Um país surpreendente

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista (andregustavo10@terra.com.br)



GZ

Entre todos os vizinhos do Brasil, a Argentina é de longe o mais inquieto, imprevisível e disposto a enormes sacrifícios que, no mais das vezes, resultam em absoluta inutilidade. Na década de setenta do século passado, os governos do Brasil e do Paraguai decidiram construir a hidrelétrica de Itaipu por meio de uma empresa binacional. O lado brasileiro contribuiu com a engenharia, com a responsabilidade de conseguir recursos (bancos ingleses financiaram a obra) e os paraguaios entraram com a água. O governo de Assunção assinou acordo semelhante com os argentinos para construir a hidrelétrica de Yacereté, que é próxima a Itaipu.

Os argentinos ameaçavam, na época, construir também uma enorme hidrelétrica chamada Corpus. A altura da barragem de Itaipu poderia interferir na chamada cota de Corpus, ou seja, na altura dessa outra barragem, que estava nos planos de Buenos Aires. A disputa entre as diplomacias foi intensa. No final, apareceu claro que os argentinos apenas utilizavam o argumento da possível construção de outra hidrelétrica para perturbar o projeto brasileiro. E insistiam no que chamavam de ameaça da bomba hídrica. Seria o seguinte: se o governo brasileiro desejasse, poderia abrir as comportas de Itaipu para que as águas daquela barragem invadissem todas as terras a jusante da hidrelétrica, terminando por colocar Buenos Aires debaixo da água.

Os militares argentinos tomaram o poder no país. As liberdades desapareceram. Os prisioneiros políticos eram mortos às dúzias e seus corpos jogados no Rio da Prata. Situação muito tensa. O país vivia uma de suas fases de autoritarismo. Os militares argentinos ameaçaram entrar em guerra com o Chile por causa do canal de Beagle, no extremo sul do continente. Os chilenos construíram no local uma base militar voltada para o Oceano Atlântico. As duas partes concordaram em colocar a decisão nas mãos do papa, que decidiu a favor dos chilenos.

Na época, os diplomatas lidavam com uma Argentina extremamente violenta e disposta a recorrer à guerra sem maiores hesitações. Chegou até a desenvolver um programa nuclear para criar uma bomba atômica semelhante à utilizada pelos norte-americanos em Hiroshima. O Brasil respondeu com seu projeto nuclear da Marinha. Os presidentes Alfonsín e Sarney tiveram o bom senso de acabar com a loucura nuclear nos dois lados da fronteira quando criaram o Mercosul.

Essas duas guerras ficaram apenas no território das ameaças. Mas o general Galtieri, chegado a uns goles, decidiu fazer a guerra com os ingleses e mandou suas tropas invadir as ilhas Malvinas. Os ingleses estão lá há dois séculos e não dão sinais de que desejam sair. Os argentinos levaram uma surra, morreram cerca de 600 soldados conscritos que não sabiam direito por que estavam lutando. Os britânicos retomaram a posse e estão lá até hoje. Os habitantes das ilhas Malvinas têm uma das mais elevadas rendas per capita do mundo. Tudo é subsidiado pela coroa inglesa. Os militares argentinos caíram do poder. Alguns morreram na prisão. E até hoje não recuperaram o prestígio político.

Essa é uma face da Argentina. A outra é um país de longas planícies, dos maiores produtores de carne e grãos do mundo, com boas reservas de petróleo e gás. O de Vaca Muerta é enorme e pode abastecer o sul do Brasil por longo período. Acontece que o governo de Buenos Aires não tem recursos. As reservas em moedas fortes estão abaixo de US\$ 5 bilhões. A população de origem europeia, alfabetizada, que construiu um belo país no sul da América do Sul, já não consegue se contrapor aos excessos do populismo peronista, que tratou de sugar o Estado argentino até o impossível. Um dólar é igual a 500 pesos. Inflação anual de 104% e taxa básica de juros de 91%. A Argentina faliu.

O presidente Alberto Fernández, com seu bigode de cantor de tango, veio ao Brasil em busca do dinheiro que falta em Buenos Aires. Mais uma dor

de cabeça para o ministro Fernando Haddad. Os argentinos querem agora negociar com o Brasil sem utilizar dólares. Fazer negociações em reais. Mas precisarão oferecer bens em garantia. O Brasil já levou calote da Venezuela, de Cuba, de Angola e de Moçambique. Pode ser que os argentinos indiquem um caminho sério para fazer negócio.

No entanto, eles não desfrutam de bom prestígio no FMI, tanto que o presidente vem a Brasília pedir ajuda de Lula para negociar seus enormes débitos. A esquerda latino-americana continua com dificuldade para fazer as quatro operações. Empréstimos em qualquer moeda devem ser pagos dentro do prazo acordado. Os técnicos do FMI têm certeza de que os argentinos enxergam os prazos para pagamento de maneira bem elástica. Eles não gostam de ser constrangidos a quitar seus débitos.

Empreendedorismo feminino e maternidade

» HAYANE CALAÇA
Especialista em empreendedorismo

Que a maternidade não é fácil, todo mundo sabe. Vai desde a primeira troca de fralda, passa pelas noites mal dormidas quando o bebê não quer dormir, e vai até a preocupação com o futuro e as escolhas que o filho venha a fazer. Essa, sem dúvida, é uma missão que exige muita responsabilidade, tranquilidade e amor, muito amor. Toda mãe sonha poder acompanhar cada etapa da vida do filho. Ter de abrir mão de estar presente em algumas delas com certeza é um desafio.

Mas, além do desafio da maternidade, há o de conciliar a criação dos filhos com a carreira profissional. Mas antes de entrar nessa questão, deve-se chamar a atenção para o fato de que uma mulher enfrenta diversas barreiras no mercado profissional e, quando se tem filhos, parece que a situação é pior. Ainda que o mundo esteja em constante evolução, as mulheres têm de disputar espaço com os homens — e a disputa nem sempre é igual, o que abre espaço para um problema de autoconfiança em relação ao fato de se ela está pronta ou não para dar conta do recado. E, por fim, um dos maiores problemas como já dito: a dupla jornada dividida entre o trabalho e os cuidados com a casa e os filhos.

Ainda que as mulheres se mostrem cada vez mais qualificadas e capazes de cuidar tanto da vida profissional quando da pessoal, ainda há um entrave no mercado de trabalho quanto àquelas que optam

pela maternidade, já que, para dar conta do trabalho e da casa, muitas mães têm de abrir mão do precioso tempo com os filhos. E justamente para não ter de perder cada fase da vida do filho é que muitas delas preferem abrir o próprio negócio. Isso é, além da independência financeira e da oportunidade de atuar na área de que gosta, a mulher poderá ter maior proximidade com os filhos.

Abri minha primeira loja com apenas 18 anos de idade, com o apoio do meu pai. O negócio, que era uma loja de multimarcas, logo obteve sucesso devido à alta demanda dos produtos e passou por um projeto de expansão. Em pouco tempo conseguimos expandir e foi necessária até a criação de um CD, que é o nosso centro de distribuição, onde fazemos a logística de mercadorias e definimos o que e a quantidade de produtos que deverá ir pra cada loja. Mesmo durante a pandemia da covid-19, foi possível manter as lojas em pleno funcionamento, contando com a ajuda de 100% dos meus colaboradores, os quais consegui manter apesar da pandemia. Atualmente, são nove lojas. Mas, apesar de toda essa correria para administrar minha empresa, eu não abro mão de acompanhar o desenvolvimento do meu filho, o pequeno Davi, de dois anos, de pertinho.

A mulher está sempre com muita culpa de não conseguir conciliar tudo, né? Mas eu agora estou

num momento que consigo acompanhar e ficar mais próxima do Davi devido à forma de gestão que criei. E, também, graças à tecnologia, consigo resolver muitas demandas trabalhando em casa. Normalmente, pela manhã, trabalho em sistema home office, o que me ajuda a estar mais próxima dele.

Mas nem tudo é tão simples assim. Após o nascimento do Davi, em 2020, em meio à pandemia, tive o diagnóstico de depressão pós-parto, e dar conta de tudo isso foi uma das dificuldades que enfrentei. Foi um momento muito delicado. Eu me vi bem perdida porque precisava dar conta do trabalho, tinha que pensar em meus colaboradores (afinal estávamos em uma pandemia), precisava dar conta do meu filho e precisava dar conta de mim. Agora eu estou bem porque me tratei, mas percebi que equilibrar a balança e dar conta de tudo é impossível. Por esse motivo, também fiquei muito mais sensível às minhas colaboradoras, principalmente quando estão grávidas, pois consigo entender que cada gestação é única e tem suas peculiaridades.

Após 16 anos de empreendedorismo, não consigo imaginar como seria minha vida sem meu filho. Apesar das dificuldades que o empreendedorismo traz, do tempo que demanda e todas as responsabilidades que traz consigo, minha vida se tornou mais completa com a chegada de Davi.

Paz no Oriente Médio?

» ISAAC ROITMAN
Professor emérito da UnB e da
Universidade de Mogi das Cruzes, pesquisador
emérito do CNPq, membro da Academia
Brasileira de Ciências e do Movimento
2022-2030 o Brasil e o Mundo que Queremos

A motivação deste artigo foi a leitura do artigo *Jerusalém da devoção*, publicado no *Correio Braziliense*, de autoria de Rodrigo Craveiro. No final do artigo, ele escreveu: “Em Jerusalém, muçulmanos, judeus e cristãos confluem para louvar o divino. Nesta Semana Santa, na antevéspera da Paixão de Cristo e a quatro dias da Páscoa, desejo a você a busca da conexão com o superior, com o infinito, como o quer que o conceba. Faz bem para a alma. Acalma e traz confiança de dias melhores”.

O Oriente Médio e particularmente Jerusalém historicamente foi palco de eventos considerados importantes sob o ponto de vista religioso, cultural e civilizatório. Esse território foi cobiçado por impérios, como o babilônico, o romano, o bizantino e o otomano. Antes da partilha da Palestina pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1947, lá habitavam dois grandes grupos humanos, judeus e árabes muçulmanos, além de pequenas comunidades de cristãos e drusos. Todos eram palestinos, pois viviam na Palestina sob mandato britânico (1920-1948).

Nas últimas décadas, os conflitos entre israelenses e palestinos são recorrentes. Apesar de algumas iniciativas, a paz plena nunca foi alcançada. A extraordinária polarização é o cenário predominante. É preciso entender que a única forma de garantir o futuro de Israel como Estado democrático judeu é viver em paz e segurança com os vizinhos. É também a única forma de garantir um futuro de liberdade e dignidade ao povo palestino.

A situação humanitária em Gaza é alarmante e tem que terminar. Da população de 1,8 milhão de Gaza, 1,3 milhão de pessoas precisam de assistência diária para se alimentar e se abrigar. A maioria tem eletricidade menos que a metade do tempo e somente 5% de água pode ser bebida com segurança. Esse cenário de barbárie precisa ter um fim e causa imensa indignação a todo ser humano que se preocupa com o bem-estar de todos.

A solução com possibilidade maior de ser concretizada é a de dois Estados com a criação de um Estado para o povo palestino, onde ambos os lados afirmem o compromisso de preservar direitos iguais e plenos para todos os respectivos cidadãos. Os dois Estados terão como objetivo principal atingir suas aspirações nacionais. É importante dar menor valor aos interesses geopolíticos e ao comércio de armas que lucra com as guerras. A intolerância entre os judeus e árabes deve ser extinta. Cabe aos israelenses e palestinos fazer as escolhas para alcançar a paz e pensarem em uma economia de longo prazo, com construção, reconstrução e planejamento do Estado palestino.

Existem já vários entendimentos entre lideranças dos dois povos, como a Iniciativa de Genebra, que mapeiam soluções aceitáveis para os dois lados de pontos críticos como fronteiras, refugiados, assentamentos, Jerusalém e lugares sagrados. É preciso eliminar o discurso de palestinos extremistas de tirarem Israel do mapa, como também a insensibilidade de judeus radicais que não respeitam o direito dos palestinos de terem uma vida digna dentro de seus valores culturais.

Muitas lideranças de ambos os lados são pacifistas e são peças fundamentais nas negociações para uma paz duradoura. Um deles, o saudoso escritor Amos Oz, assim se expressou: “A criação de dois Estados independentes soberanos, vizinhos, que reconheçam as fronteiras e os direitos um do outro e vivam em paz”. Um outro pacifista judeu é Gershon Baskins, autor do livro *Israel e Palestina: um ativista em busca da paz*, que faz uma profissão de fé: “Uma paz justa como única saída do labirinto em que ambos os povos se encontram”.

É pertinente lembrar do saudoso primeiro-ministro de Israel e Prêmio Nobel da Paz de 1994, Yitzhak Rabin, que foi assassinado em 1995 por um extremista judeu após um evento pela paz. No final do evento, foi entoada a canção *Shir la Shalom (Canção para a paz)*, que nos dois últimos versos, diz: “Não digam: o dia virá / Tragam esse dia / Porque ele não é um sonho / Em todas as praças / Aplaudam a paz / Então apenas cantem, uma canção para a paz / Não sussurrem uma oração / É melhor que vocês cantem uma canção para a paz / Num grito forte”. Oxalá consigamos a paz no Oriente Médio e em todo o planeta.